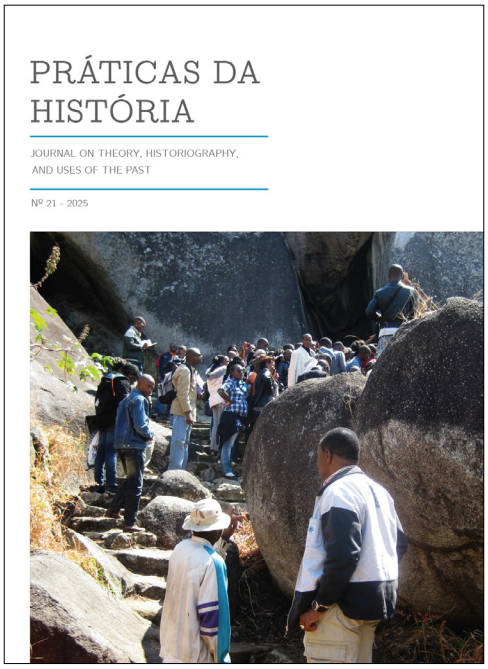


Recensão a *Stella do Patrocínio, Falatório / Chatter*, de Iracema Dulley e Marlon Miguel, eds.

Marcela Santander

Práticas da História, n.º 21 (2025): 407-413

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

Iracema Dulley e Marlon Miguel, ed.
Stella do Patrocínio,
Falatório / Chatter
Berlim: ICI Berlin Press, 2025, 287 pp.

Marcela Santander*

Nascida no Rio de Janeiro em 1941, Stella do Patrocínio foi uma mulher negra detida aos 21 anos e internada de forma compulsória no Centro Psiquiátrico Pedro II, sendo posteriormente transferida, em 1966, para a Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu até sua morte, em 1992, aos 51 anos. Tal como Arthur Bispo do Rosário, Patrícia Ruth, Dirce Maia e tantos outros brasileiros cujas trajetórias foram implicadas pela internação compulsória, Stella foi capturada por um dispositivo psiquiátrico-policial que operava a exclusão de existências consideradas indesejáveis, sobretudo racializadas e provenientes das classes trabalhadoras. A sua trajetória não pode, portanto, ser dissociada da história da própria colônia, inaugurada em 1924 como parte de um projeto higienista de modernização do Estado brasileiro (p. 272), inspirado no modelo europeu das colónias agrícolas e sustentado por uma articulação entre saberes médicos, jurídicos, pedagógicos e policiais, num país marcado por mais de três séculos de escravidão.

Falatório / Chatter, editado por Iracema Dulley e Marlon Miguel, não é apenas um livro dedicado a Stella do Patrocínio, mas uma publicação que toma como problema central a ética das relações entre fala e escuta, perguntando não o que fazer com a voz de Stella, mas como deixá-la falar sem reiterar as formas de captura que marcaram sua trajetória. O volume propõe-se como uma obra editorial que enfrenta, sem a arrogância de tentar resolver, a instabilidade própria da

transcrição da oralidade, sobretudo quando esta emerge de um espaço historicamente marcado pelo silenciamento, como a instituição psiquiátrica. Neste sentido, o livro não oferece uma voz recuperada, mas expõe o gesto de edição como mediação inevitável e politicamente situada, colocando em primeiro plano questões fundamentais, como quem fala quando Stella fala, e sob que condições essa fala se torna legível, audível ou publicável.

Com isso em mente, quero chamar atenção para alguns aspectos éticos fundamentais que permeiam a obra: 1) usos de materiais de arquivos e possibilidades de consentimento; 2) tradução; e 3) alteridade – ou a nossa relação enquanto antropólogos com sujeitos (d)e pesquisas.

Ao lidar com materiais de arquivo sensíveis, gravações de áudio, transcrições, imagens e documentos produzidos no interior de uma instituição psiquiátrica brasileira, o livro recusa tanto a neutralidade do arquivo quanto a redenção simbólica da visibilidade, assumindo-se como um gesto necessariamente parcial, atravessado por limites, pontos cegos e impasses éticos incontornáveis. Nesse sentido, as preocupações com dilemas éticos atravessam a obra com diferentes nuances.

No que diz respeito aos materiais visuais que compõem *Falatório / Chatter*, há fotografias de pavilhões, corredores e corpos institucionalizados. Essas imagens reinscrevem no presente imagens produzidas num contexto de confinamento, vigilância e violência estrutural. A presença dessas imagens não é tratada como evidência documental, mas como problema explicitamente assumido, onde os editores reconhecem a opacidade das condições de consentimento (p. xi) e o caráter sensível dos materiais mobilizados. A decisão de nomear os pacientes sempre que possível, apresentar os documentos em sua forma original e recentrar a dignidade e a vitalidade dos indivíduos não é apresentada como garantia ética, mas como escolha situada, consciente de sua insuficiência, tornando a tensão visível e assumindo o trabalho editorial como um ato necessariamente parcial.

A atenção ética que atravessa *Falatório / Chatter* é percebida também pela descrição minuciosa das fontes a partir das quais a fala de Do Patrocínio é reconstituída. O livro reúne materiais remanescentes do *Falatório* (p. 18), provenientes de três conjuntos heterogêneos

de gravações, transcrições e imagens em movimento, produzidos entre meados da década de 1980 e o início da década de 1990. Ao explicitar as condições materiais dessas inscrições, oficinas artísticas, sessões terapêuticas, gravações parciais, transcrições muitas vezes perdidas, os editores recusam a ilusão de uma cena de enunciação originária recuperável. O que está em jogo não é a fidelidade a um ponto de partida, mas o reconhecimento da dimensão performática da fala de Stella, entendida como acontecimento situado, corporal e relacional.

Essa opção metodológica orienta as escolhas de transcrição, anotação e tradução, que procuram marcar, tanto quanto possível, o contexto da enunciação, sem apagar as mediações que o constituem. A própria estrutura do livro evidencia as lacunas do arquivo, como fitas ausentes, documentos únicos e vídeos fragmentários, e faz das ausências um dado analítico central. Ao incluir *links* para os áudios e vídeos disponíveis no site da ICI Berlin Press, os editores não propõem a restauração da presença, mas expõem os limites da representação textual, sublinhando que a ressonância da fala de Stella do Patrocínio excede o texto impresso. O gesto editorial, assim, não pretende estabilizar o *Falatório* como obra acabada, mas sustentar sua circulação entre suportes, línguas e regimes de escuta, assumindo que toda edição é uma forma de tradução marcada por perdas, escolhas e responsabilidades.

Essa postura atravessa também a materialidade da edição. O livro é bilíngue, inglês e português, e a tradução ocupa um lugar central, não como operação objetiva ou técnica, mas como problema político e epistemológico. Stella do Patrocínio era brasileira e falava em um português fortemente coloquial, marcado por inflexões idiomáticas, repetições, desvios sintáticos, ritmos próprios e um vocabulário que resiste à normalização. Traduzir esse *Falatório* implica lidar com perdas inevitáveis, sobretudo quando se trata de preservar o ritmo, a insistência e a força performativa da fala, fazendo do intraduzível um dado constitutivo do livro. Ao tornar visível o trabalho de tradução e suas falhas, a edição recusa a fantasia da equivalência e assume a responsabilidade pelo que se perde, se transforma ou permanece opaco no processo. Esse gesto inscreve a tradução no mesmo regime ético da escuta, como mediação arriscada, nunca neutra.

O problema da tradução, no entanto, não pode ser separado da questão mais ampla da escuta. Um dos grandes méritos de *Falatório / Chatter* é insistir na dimensão relacional da fala de Stella. Ouvir os áudios que compõem a obra leva a uma inflexão decisiva na leitura do livro, pois torna impossível pensar o *Falatório* como texto autônomo ou como pura literatura ou poesia. O que se ouve é uma fala de alta frequência, quase sem pausas, marcada por um ir e vir incessante. O *Falatório* de Do Patrocínio é sempre endereçado, produzido em relação às/com interlocutoras específicas, ao gravador, ao olhar, ao silêncio. Stella comenta o próprio ato de falar, questiona a gravação, negocia o cansaço, afirma não ter mais voz. Longe de uma expressão espontânea ou inconsciente, trata-se de uma fala situada, por vezes consciente de sua circulação futura e atravessada pela assimetria da situação de escuta.

Nos registros apresentados, a violência institucional aparece como experiência reiterada. A fome, a escassez de comida, o trabalho doméstico forçado, a recusa da produtividade, o corpo medicado, os eletrochoques, tudo isso surge de forma direta, sem mediação metafórica. Quando Stella afirma querer dinheiro apenas para se alimentar (p. 54), ou quando diz estar "passando mal de boca" (p. 82) ou "morrendo de fome" (p. 54) dentro da instituição, o *Falatório* se ancora em materialidade que é inegável. Há nessas falas uma crítica implícita à moral do trabalho e à economia da produção, que se articula a uma recusa explícita de produzir sob coerção, identificando a vigilância como forma de exploração.

Ao mesmo tempo, os áudios tornam audível uma dimensão frequentemente silenciada, a da violência sexual, narrada não como evento isolado, mas como marco fundacional de uma entrada forçada no mundo, na linguagem e na consciência. A repetição de imagens de ser "agarrada" (p. 110), "fodida" (pp. 114, 156), "carregada de relação sexual" (p. 114), inscreve o corpo de Stella num regime de exploração que articula gênero, classe e racialização. Tais imagens circulam, retornam, contaminam outras cenas de fala, recusando a forma estabilizada do relato traumático e escapando às convenções do que deve ser dito numa determinada situação. Nesse sentido, o *Falatório* desafia as expectativas

de inteligibilidade associadas ao testemunho, insistindo em uma temporalidade própria, marcada pela repetição e pela exaustão.

Contudo, talvez o aspecto mais perturbador dos áudios seja a consciência que Stella demonstra em relação à economia da escuta. Em diferentes momentos, ela afirma estar sendo "comida pelos olhos" (p. 102), perder força ao falar (p. 104), ser capturada pelo olhar e pelas palavras da interlocutora. Essas falas expõem o risco de um extrativismo da escuta, no qual a fala do outro se torna recurso, material, arquivo. Ao incluir esses excertos sem neutralizá-los, o livro não resolve essa tensão, mas a mantém aberta, deslocando a questão ética para o próprio ato de leitura. Não se trata de perguntar se Stella consente, mas de reconhecer que sua fala já contém uma crítica explícita à apropriação e à captura que a tornam audível.

Esse deslocamento é particularmente importante quando se considera a história da circulação da obra de Stella no campo literário e artístico brasileiro. O *Falatório* tornou-se amplamente conhecido a partir da publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, organizada por Viviane Mosé e lançada em 2001. A reorganização das transcrições em forma poética abriu espaço para metáforas, ambiguidades e interpretações múltiplas, características próprias da poesia, mas também produziu um deslocamento significativo do regime de sentido da fala. Ao serem apresentados como poemas, os fragmentos tornaram-se menos literais, afastando-se das condições materiais de sua produção e da situação de enunciação que os atravessava.

A inclusão de textos como o "Prefácio em forma de carta", escrito por Mônica Ribeiro de Souza (p. 196), revela uma intenção solidária e politicamente engajada, ao apresentar Stella como porta-voz de pacientes psiquiatrizados e institucionalizados. Deste modo, o *Falatório* de Stella pode ser compreendido não como expressão individual isolada, mas como produção intelectual forjada no interior de um regime de confinamento forçado, designado como terapêutico. Conhecida como o "fim da linha" (p. 2), a Colônia Juliano Moreira destinava-se aos considerados incuráveis, e a institucionalização, frequentemente arbitrária e indefinida, funcionava como forma de morte social. Importante reforçar que o fato

de Stella não ter vivido o processo de Reforma Psiquiátrica brasileira, iniciado juridicamente apenas em 2001, e de a desinstitucionalização da colônia só se ter concluído em 2021, impede qualquer leitura retrospectiva que projete sobre a sua vida a promessa de justiça tardia.

É nesse contexto que merece relevo o trabalho recente desenvolvido pelo Museu de Arte Contemporânea Bispo do Rosário. A partir de 2020, o museu passou a refletir criticamente sobre seu próprio legado institucional e sobre como lidar com a memória de Stella sem reiterar a violência psiquiátrica. Programas centrados na escuta do *Falatório*, no diálogo com ex-internados, trabalhadores da colônia e pesquisadores, bem como iniciativas como *Stella do Patrocínio: História Que Fala* e o grupo Falatório: escutas e estudos, deslocam o eixo da representação para a escuta prolongada e para a especulação historiográfica.

No entanto, essa inserção artístico-literária implica uma generalização que dilui a singularidade da experiência de Stella, inscrevendo-a como figura representativa. Como têm apontado críticas recentes, a entrada de Stella no mercado literário estabeleceu muitas vezes uma interlocução com instituições psiquiátricas, artísticas e acadêmicas, mais do que com Stella enquanto sujeito de fala (p. 265). A "Stela" apresentada como poeta nessas edições aproxima-se menos da mulher que falou e mais de uma personagem literária produzida por dispositivos que, ainda que bem-intencionados, reproduzem formas de exclusão.

Ao enfrentar esse legado e contrapô-lo aos áudios e materiais gravados, *Falatório / Chatter* recusa a estabilização poética como horizonte interpretativo privilegiado. Sem negar a dimensão estética da fala, o livro insiste em sua condição de acontecimento relacional, marcado por repetição, cansaço, interrupção e conflito. Ao deslocar a ênfase da poesia para a escuta, da metáfora para a materialidade da voz, a edição propõe uma ética da apresentação, e não da representação (p. 266), permitindo que a fala continue a reverberar (p. 267) sem ser capturada por um regime de sentido que a pacifique. O *Falatório* aparece, assim, menos como obra literária, e mais como memória e legado da trajetória intelectual de Stella do Patrocínio, uma memória que resiste à fixação e exige responsabilidade contínua.

Essa responsabilidade lança luz a um dos maiores dilemas do ofício antropológico, a saber, como falar a partir do outro sem falar por ele. A edição não se apresenta como restituição de uma voz, nem como mediação, mas como gesto implicado, consciente da assimetria que estrutura qualquer operação de escuta e publicação. Ao deixar falar sem apagar as condições dessa fala, inclusive ao incluir os áudios das entrevistas e transcrevê-los literalmente, o livro desloca a ética do campo da intenção para o da prática, mostrando que o problema não é "dar voz", mas sustentar a exposição do outro sem convertê-lo em objeto de saber ou apresentá-lo como resultado de uma alteridade produzida em contextos de pesquisa.

Referência para citação:
Santander, Marcela (2025). "Recensão a *Stella do Patrocínio, Falatório / Chatter*, ed. Iracema Dulley e Marlon Miguel.". *Práticas Da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, (21), 407-413. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n21.45616